

Trabalho para viabilizar a meta máxima do governo JK

Arquivo Pessoal

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Quando há uma mudança de endereço prevista, a primeira coisa a ser feita é a escolha do próximo local onde vai se morar. Com a transferência de uma capital federal não é diferente. Antes mesmo de Juscelino Kubitschek assumir a Presidência da República já havia gente por Brasília procurando um local em pleno Planalto Central para se construir a nova capital do país. Era a Comissão de Localização da Nova Capital, da qual o arquiteto e urbanista Lucídio Guimarães Albuquerque fez parte “com todo o orgulho”.

O pioneiro Lucídio Albuquerque esteve aqui no Planalto Central, no local onde seria instalada Brasília, pela primeira vez em maio de 1955, quando nem estava decidido que a nova capital seria aqui. “Muita gente pensa que o local de Brasília foi escolhido sem nenhum critério, num palpite apenas para trazer a capital para o interior do Brasil. Mas isso não é verdade. Houve muito estudo antes de se decidir o local definitivo”, afirma. Na realidade foi realizado um concurso entre vários sítios localizados em um raio de 50 mil quilômetros para ver qual seria o local mais apropriado para a construção de Brasília. “Era um concurso muito criterioso, no qual uma comissão avaliava dez itens descritos em relatório, fru-

to de profundos estudos”, lembra Lucídio. O arquiteto conta que “para evitar especulações imobiliárias, os sítios eram chamados por nomes de cor e os avaliadores nem sabiam onde estava cada sítio”.

A região que mais acumulou pontos no final do concurso foi o Sítio Castanho, principalmente pelas suas condições climáticas, por sua topografia e pelo fácil

acesso rodoviário que a região oferecia. “O local escolhido e homologado pelo presidente Café Filho era o mesmo indicado pela Missão Cruels, em 1892”, afirma o pioneiro, que levou um susto ao perceber como eram precisos os estudos do século XIX, “mesmo sem que eles tivessem muitos recursos tecnológicos.”

Decidido o local, a comissão que Lucídio integrava perdeu o

sentido e foi transformada na Comissão de Construção e Mudança da Nova Capital, a mesma que, com a inauguração, seria a Novacap. O ano era 1956, Juscelino já era o presidente da República e agora Lucídio trabalhava na assessoria da Presidência. “Nosso trabalho era viabilizar o cumprimento das 33 metas do Plano de JK que culminariam na meta máxima: a

A QUANTIDADE DE GENTE QUE VINHA PARA BRASÍLIA, COM A ESPERANÇA DE TRABALHO E MELHORIA DE VIDA, IMPRESSIONAVA LUCÍDIO. NA FOTO, UM GRUPO QUE CHEGAVA DO CEARÁ



construção de Brasília”, lembra, orgulhoso, porque “várias metas foram cumpridas antes do tempo previsto”.

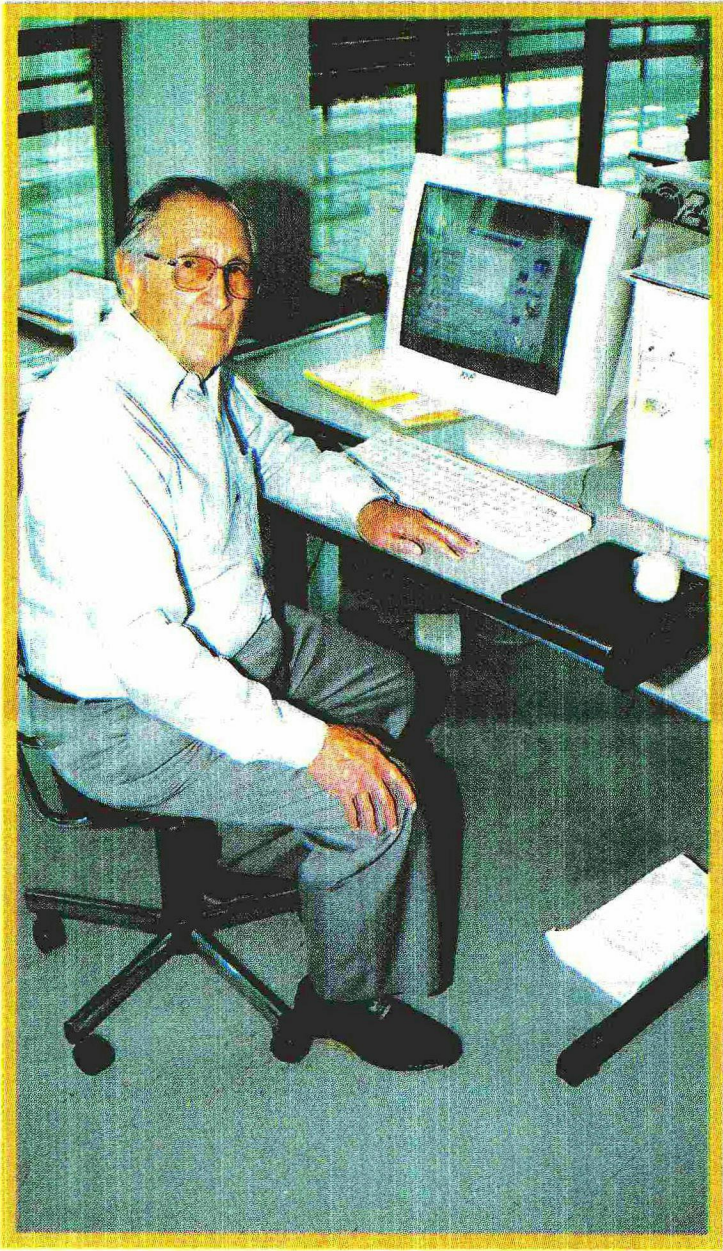
A ligação de Lucídio com Brasília data do tempo da escolha do sítio onde seria construída a cidade. Ele participou da Comissão de Localização da Nova Capital

MESMO DEPOIS DE
PASSAR PELO
RITMO ALUCINANTE
DA CONSTRUÇÃO,
LUCÍDIO
PERMANECE
TRABALHANDO

Nesse tempo, o arquiteto morava e trabalhava no Rio de Janeiro, mas vivia na ponte aérea entre a antiga e a nova capital. Ele viajava do Rio para cá em um bimotor do governo e a hospedagem era em um local improvisado. “Como o aeroporto ainda era apenas uma pista de pouso, os aviões não conseguiam nem pousar nem decolar à noite. O jeito era ficarmos todos hospedados aqui em uma cidade que não tinha nenhum hotel”, lembra. O tal local improvisado, chamado de Avitel, era, na verdade, um enorme galpão onde os viajantes ficavam hospedados. “Eram quartos pequenos com banheiros individuais, perfeitos para apenas uma noite mesmo”, descreve. O Avitel ainda tinha outra vantagem: era perto do canteiro de obras. “Para irmos para o canteiro, o caminho era por uma estrada que passava por onde hoje está o Lago Paranoá”, afirma. Quando precisava ficar mais dias na cidade, o pioneiro ia se virando em acampamentos e casas de amigos. “Meu endereço era Brasília. E apenas isso”, conta.

De mala e cuia

Somente há menos de um ano da inauguração, no final de 1959, é que Lucídio trouxe do Rio de Janeiro sua esposa e seus quatro filhos — o caçula, Luiz Henrique, já nasceu aqui, em 1961. “Não trouxe antes para mudar o menos possível a rotina de minha esposa e das crianças, que tinham colégio e outras atividades no Rio de Janeiro”, explica Lucídio. O primeiro impacto para a família que chegava não foi dos melhores. Afinal de contas, a troca era de uma



capital federal bem estruturada, onde Lucídio tinha uma promissora carreira no magistério e os filhos tinham uma vida confortável. “Mas esse é o risco que o soldado enfrenta quando entra na guerra e vai transferido para uma cidade de fronteira. A família tem que ir junto com ele”, compara Lucídio, que acabou tendo o apoio da esposa em sua aventura. Ainda comparando a construção de Brasília com uma guerra — pacífica é sempre bom frisar —, Lucídio afirma que “a missão não era simples e não terminava no dia da inauguração. Ela incluía estruturar uma cidade nova, a primeira ca-

pital do país genuinamente brasileira, construída somente por brasileiros e com valores nacionais em seus moradores”, emociona-se o soldado Lucídio. Antes da inauguração, Lucídio era o responsável, entre outras coisas, pela elaboração do sistema de abastecimento alimentar da cidade. “Tínhamos que organizar o chamado cinturão verde para garantir, à nova capital, condições de reabastecimento alimentar”, conta. Para isso, Lucídio e sua equipe criaram os 22 núcleos rurais. “Eram regiões na zona rural de Brasília que tinham que ser produtivas, com capacidade de escoamento

“**MUITA GENTE
PENSA QUE O
LOCAL DE
BRASÍLIA FOI
ESCOLHIDO SEM
NENHUM
CRITÉRIO, NUM
PALPITE APENAS
PARA TRAZER A
CAPITAL PARA O
INTERIOR DO
BRASIL. MAS ISSO
NÃO É VERDADE.
HOUE MUITO
ESTUDO ANTES DE
SE DECIDIR O
LOCAL
DEFINITIVO**”

viário, central de abastecimento e até mesmo uma rede de supermercados”, explica o arquiteto. Foi nessa fase que Lucídio criou a SAB. Depois de tanto suor, era chegado o dia da inauguração. Lá estava Lucídio Albuquerque com uma camisa branca de linho, comprada especialmente para a ocasião. “No melhor da festa veio uma adolescente e esbarrou de frente comigo com um sorvete de chocolate nas mãos. A camisa ficou manchada, mas está guardada comigo até hoje”. Essa foi a medalha que Lucídio recebeu por ser mais um sobrevivente ao orgulho nacional que se tornou Brasília.

Raio X

Nome: Lucídio Guimarães Albuquerque
Idade: 83 anos
Origem: Rio de Janeiro
Profissão: Arquiteto e urbanista. Atual assessor da Secretaria de Recursos Hídricos do GDF
Estado civil: Divorciado de Aspásia Souto Albuquerque
Filhos: Maria Lúcia, Luiz Carlos, Maria Beatriz, Luiz Fernando e Luiz Henrique
Netos: 12, que ele prefere não dizer os nomes para não errar
Bisneto: Gabriel
Ano de chegada a Brasília: Veio pela primeira vez em 1955, mas para morar, somente em 1959
Títulos: Condecorado pela Federação Nacional dos Engenheiros e Cavaleiro da Ordem do Mérito de Brasília.